

LINGUAGENS DO PODER

(O Empreendimento como Mediação Sígnica do Poder Totalitário com a Massa)¹

Prof^a Dr^a Dulce A. Adorno-Silva – pesquisadora do
Centro de Linguagem e Comunicação da PUC-Campinas
Líder do Grupo de Pesquisa: Propaganda, Significação e Sociedade
Doutora pela FE/UNICamp

Resumo: Com base em Michel Foucault, afirma que o poder não tem apenas a função de reprimir, mas é uma rede produtiva que se tece por meio de sistemas de signos e atravessa o corpo social para conseguir o apoio das massas. Observa que isso se faz por meio de grandes empreendimentos, linguagens convencionais (terceiridade) do poder, para mediação com as massas, que sentem na recepção dos signos o impacto previsível (primeiridade), por causa da grandiosidade do monumento, que acaba por ocultar os desmandos do totalitarismo. Exemplifica com obras realizadas por Hitler, Vargas e pela Ditadura Militar. Conclui, questionando Foucault, que a História que nos determina é de sentidos que se modificam (mais que belicosa) usados em favor da legitimação do poder.

Palavras-chave: Poder; convenções; linguagens; empreendimentos; recepção.

Introdução

Em *Microfísica do Poder*, Foucault declara que o poder não se exerce apenas pelo cerceamento: não diz apenas *não*, mas “produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir”.(FOUCAULT, 1996, p.8). A rede produtiva é tecida pelas linguagens do poder, que abrangem também objetos e espaços que ele fabrica (empresas, monumentos, estátuas e praças), que constrói para representá-lo e que se proliferam no meio social, porque trazem sua marca e impõem sua força ideológica por meio do discurso que produz.

As expressões do poder tornam-se grandiosas, principalmente no Estado totalitário. Se, conforme Burdeau, o Estado é uma idéia², ele se manifesta por meio dos sistemas de

¹ Prof^a Dr^a Dulce A. Adorno-Silva – pesquisadora do
Centro de Linguagem e Comunicação da PUC-Campinas
Líder do Grupo de Pesquisa: Propaganda, Significação e Sociedade
Doutora pela FE/UNICamp

signos que afetam a vida de todos os cidadãos. Portanto, enquanto Estado, ele se expressa, de modo a construir uma rede ideológica de relações que pretende o consentimento da maioria dos cidadãos, sem o qual o poder se enfraquece.

A comunicação entre o Estado e a maioria realiza-se pela tessitura das linguagens que o poder produz, a fim de conseguir sustentação em determinado período: legitimação: consentimento dos cidadãos em relação a suas propostas - e duração: permanência além de seu exercício. Determinados sistemas de signos como a fala, a escrita, os desenhos (signos icônicos), embora tenham sido mais usados pelo homem, não foram suficientes para satisfazer a sanha de fortalecimento do poder. Assim, esse artigo pretende analisar outras linguagens do poder: a produção de espaços e a construção de objetos – empreendimentos e monumentos - que expressam a grandiosidade do poder, porque, como uma convenção ideológica, tem por fim causar impacto na massa, que passa a comentar esses sistemas de signos políticos, sem se importar com danos ambientais ou individuais, por meio de estimulação de emoções. O objeto de análise centra-se na construção de obras pelo poder totalitário, as quais produziram discurso, que são efeitos dessa expressão do poder sobre os indivíduos.

As Convenções do Poder

Para realizar seu intento, o poder utiliza-se de mensagens de propaganda divulgadas pelas linguagens humanas, pelos meios de comunicação, que o fazem se expandir em busca do reconhecimento dos cidadãos. Contudo, ele se projeta também no espaço e, conseqüentemente no tempo, a fim de produzir coesão social em torno de si, para legitimar-se. A indagação se coloca: por quais meios o poder exhibe sua ideologia e como o faz para criar essa rede discursiva em torno de si?

As linguagens ideológicas do poder não se restringem, como já mencionado, àquelas reconhecidas como tais, que consistem em sistemas de signos sonoros: fala, música etc; ou sistemas de signos visuais: desenhos, pinturas, imagens em geral, produzidas pelas

² Georges BURDEAU, em O Estado, p. X. afirma : *Não tendo outra realidade além da conceptual, ele só existe porque é pensado.*²

tecnologias de comunicação ou diretamente pelo ser humano. A ideologia do poder faz com que suas obras: empreendimentos e/ou objetos – expressem mensagens que atingem os indivíduos que as assimilam e as propagam.

Segundo Spengler, a grande virada na História do homem foi decorrente não da evolução dos objetos, mas da Ação Coletiva Combinada (ou seja, os atos organizados de um número de indivíduos, mais ou menos elevados, em conformidade com um Plano. (SPENGLER, 1993, p.77)). A ação coletiva (empreendimento) pressupõe um plano, a divisão de tarefas e tem, como condição *sine qua non*, a linguagem verbal, nascida do diálogo, cujas frases se ordenavam segundo a conversação entre várias pessoas, que tinham como finalidade o acordo mútuo (Ibid., p.80), a obediência ou a concordância, a pergunta, a afirmação e a negação. A finalidade da linguagem era desencadear uma ação coletiva (empreendimento), de acordo com uma intenção e com o tempo, lugar e meios disponíveis. O pensamento, para o qual a palavra é ato de matriz intelectual, realizava-se com auxílio dos sentidos, brotava da prática.

Embora Spengler considere que a grande virada da História dependeu da linguagem, base do empreendimento, e não dos objetos, reconhece a importância de ambos. O homem, para obter mais poder, amplia sua superioridade além de suas forças físicas, o que resulta no aumento da artificialidade dos processos (Ibid., p.84), que exige aumento do número de braços para executar as tarefas necessárias ao empreendimento que se projeta, conforme um plano e realiza-se pelo comando, por meio da linguagem. O empreendimento se faz por meio de uma técnica de dirigir e outra de executar, com a separação das atividades mentais e manuais (Ibid., p. 86). A linguagem ao dirigir os empreendimentos diferencia dois tipos de homens: os que planejam (técnica de dirigir) e os que executam (técnica de fabricar).

Contudo, para expandir o poder, o homem procura estender seu domínio por meio da guerra como empreendimento com chefes e guerreiros, batalhas organizadas e objetos de destruição usados de forma adequada. Além disso, impõe-se a lei aos vencidos, perante a qual todos (ou seja, a maioria) deveriam ser iguais, mas que é sempre do mais forte, diante de quem tem que se curvar o mais fraco³.

³ Ibid., p.90. Segundo Spengler, quando a lei é reconhecida e instituída por um longo tempo, constitui a paz e a política é um substituto temporário para a guerra, o qual utiliza armas intelectuais.

O espaço da dominação não se delimita somente pela realização da guerra, uma vez que, para o poder ser exercido, é necessário que permaneça, impondo-se à massa por meio de outras linguagens além da verbal, mediação das leis, que são convenções estabelecidas pelo poder e impostas aos indivíduos da massa que as devem aceitar mesmo que as rejeitem. Por exemplo, no Brasil, durante a Ditadura, foram emanadas medidas provisórias, cuja convenção não se baseou no acordo mútuo do povo, mas dos detentores do poder.

O poder além de lançar mão das linguagens do mando em função da obediência, por meio dos signos verbais que se propagam, conforme a época, pelos diferentes meios de comunicação, possui outras convenções para expandir-se. Pode-se afirmar, usando os termos conceituais da Semiótica de Peirce, que o poder se exerce a partir da terceiridade, pois usa suas convenções por meio de ações derivadas de códigos que lhe são próprios.

Dentre tantas regras que caracterizam seu exercício, como leis, regulamentos, técnica, encontram-se os objetos e os grandes empreendimentos, diante dos quais a massa reage de forma diferente de como o faz diante das regras impostas.

Os Empreendimentos como Linguagem do Poder

Este artigo não se propõe a analisar outros empreendimentos mais duradouros, que provocam na massa reações planejadas pelo poder, a fim de que ele tenha permanência, além do período de exercício, não se pretende, portanto, debruçar-se sobre as guerras (um dos empreendimentos do poder), uma vez que já se sabe de seus efeitos como exercício pela violência e aniquilamento de grandes massas populacionais.

O ensaio *Hitler, por Speer* (CANETTI, 1990, p.177) constata: “As construções de Hitler destinam-se a atrair e reter as grandes massas. (...) Em locais enormes, tão grandes que dificilmente podem ser preenchidos, é dada à massa a possibilidade de crescer.” Ao comentar o espaço aberto para conter a massa e seu crescimento, o autor refere-se também às “edificações de caráter cultural” (os templos), que propiciam “a repetição regular” (apud), uma das formas de sustentação (domesticação) da massa. Cita o testemunho de Speer sobre

a referência que o *fürher* fez às pirâmides do Egito, ⁴ enfatizando duas características dessas construções: a grandeza e a permanência. Embora Canetti afirme que elas funcionam como “símbolos de massa” e acrescente: “as pirâmides são o símbolo que não mais se desagrega”, redirecionamos sua declaração para: são símbolos do poder para a massa. Enfim, signos que, há milênios, atendem às convenções do poder, pois foram produzidos intencionalmente e em comum acordo por aqueles que o constituem, para propagar força e grandiosidade, que se impõem pela permanência. Por isso, impressionam a massa para quem são construídos. O poder deseja expandir-se, exibindo-se calculadamente pela concretude da grandiosidade; é o nível do pensamento, do plano para o empreendimento, que não permanece somente no projeto e sua realização, mas culmina com a reação das massas, onde os indivíduos são os efeitos do poder.

Os indivíduos das massas deparam-se com a amplitude do empreendimento, em nível de primeiridade, porque ele causa impacto, emoção, admiração, para que elas assimilem, em seguida, (secundidade) a individualidade do monumento e, reagindo a sua imponência, comparem-no com outros e comentem sua importância como identidade cultural, social e nacional (terceiridade). Através dele, o poder é perdoado das atrocidades cometidas e reverenciado. Além disso, essa expressão do poder é mensurável, porque a disputa entre poderes por meio dos empreendimentos grandiosos dimensiona o vencedor. Como exemplo, o Arco do Triunfo da França tem cinquenta metros de altura, o de Hitler “terá 120” (Ibid., p.181). Na concorrência pela supremacia do poder, Hitler pretende com esse empreendimento suplantando Napoleão Bonaparte (p.184). O monumento individualiza-se como signo do poder, pois assume outra convenção: a supremacia em relação estabelecida ao monumento francês.

As dimensões do empreendimento, conforme o plano traçado pelo poder, baseiam-se também em outros símbolos – os números – que se traduzem em dimensões e espaços para agregarem em torno de si o maior número de indivíduos da massa, com o objetivo pré-estabelecido de torná-las coesa em relação à permanência do poder. Portanto, diferentes signos da abrangência da terceiridade são mediadores do projeto, ou seja, a partir deles os

⁴ Id., *ibid.*, p.178 – dirigindo-se à mulher de Speer, Hitler diz: “*Seu marido erigirá para mim edificações tais como já não se fazem há quatro mil anos*” Ao dizê-lo, ele pensa nos egípcios, particularmente nas pirâmides, não só devido à sua grandeza, mas também porque elas perduraram ao longo desses quatro milênios.

detentores do poder calculam o grau do impacto (primeiridade) sobre os indivíduos da massa. Há, pois, sustentada sobre regras para a permanência do poder, a intenção da primeiridade que se fez e se faz por meio dos sistemas de signos produzidos pelo homem social e político, que conhece o mundo por meio de sistemas de signos convencionais.

Os Signos do Empreendimento no Totalitarismo

Qualquer tipo de sociedade: humana ou animal -, tem a comunicação como base da sobrevivência, ou seja, usa signos independentes da variedade de seu sistema (EPSTEIN, 1991, cap.1). A sociedade animal possui linguagem dependente da programação da espécie, porque atende à convenção instintiva, biológica. Contudo a sociedade humana, ao se desligar dos condicionamentos naturais no caminho para a evolução, a fim de preservar os laços sociais, estabeleceu sistemas convencionais sociais para qualquer tipo de comunicação, porque nenhuma comunicação se produz sem os vários sistemas de signos.

Como já mencionado, a linguagem verbal foi a base do empreendimento, que atende aos interesses do poder (BURDEAU, 2005, p.4)⁵ para dominação e permanência. No entanto, o empreendimento político culmina com a realização de projetos arquitetônicos planejados pela ação política.

A partir dos tipos de projeto em que se alicerça a idéia de poder do Estado: democrático, totalitário ou de exceção, a comunicação também se define, ao mesmo tempo em que se faz mais adequada aos meios pelos quais se processa, à intenção do poder que se exerce, assim como ao modo como o poder considera os cidadãos que comanda.

No Totalitarismo, a relação do poder instituído com a população está longe de ter dois fluxos de direção (ida e volta), porque ele somente se implanta, quando a democracia se fragiliza, devido à descrença da massa para com os partidos políticos, à inflação, ao desemprego, à perda do interesse do indivíduo por si mesmo, ao desprezo pelas regras do

⁵ Georges BURDEAU, O Que É Poder. À página 12, o autor explica a existência do poder: Existe poder quando a potência, determinada por uma certa força, se explica de uma maneira muito precisa. Não sob o modo da ameaça, da chantagem, etc..., mas sob o modo da ordem dirigida a alguém que, presume-se deve cumpri-la. (Weber chama de Herrschaft) e Raymond Aron traduz por *dominação* (Herr = dominus = senhor).

bom senso. Tudo isso gera o que Arendt denomina “sociedade atomizada”. As imposições do poder, feitas por meio de sistemas de signos, como os grandes empreendimentos, afetam emocionalmente o homem atomizado, isolado e sem relações sociais normais, que acaba por aceitá-las, como sua tábua de salvação.

No Estado Totalitário, para que essa relação se solidifique, as massas são conquistadas por meio da propaganda política, realizada não apenas através das linguagens dos meios de comunicação de massa, mas também por meio da realização de grandes projetos arquitetônicos. “Os movimentos totalitários objetivam e conseguem organizar as massas – e não as classes, (...) nem os cidadãos com suas opiniões peculiares quanto à condução dos negócios públicos(...). Todos os grupos políticos dependem da força numérica...”(ARENDR, 1989, p.358) O totalitarismo conduz seus tentáculos convencionais por entre a massa atomizada, para que ela o apóie e reverencie.

A diferença entre os tipos de Estado: democrático e totalitário - define a diferença dos usos das linguagens escolhidas para a comunicação entre o poder e os cidadãos ou a massa. Para isso, uma das convenções do Estado totalitário é a opção pela construção dos grandes monumentos: eles chamam a atenção (não há como não vê-los), impressionam e produzem discurso (todos os indivíduos os comentam, fotografam, escrevem sobre eles etc). Logo, a massa, por meio de outros sistemas de signos, reiteram-nos, porque eles se tornam objetos de culto massivo e, assim, conforme Canetti, a repetição mantém a massa coesa, em torno da meta, que, definida pelo poder, corresponde ao culto à grandiosidade e à permanência do monumento, que se torna identidade nacional.

Por esse motivo, citam-se alguns exemplos, dentre os quais o primeiro toma-se da citação que Canetti faz em seu livro sobre a constatação de Speer, referindo-se a Hitler: “ Sua paixão por construções destinadas à eternidade fazia com que se desinteressasse completamente por redes de tráfego, zonas habitacionais e áreas verdes: a dimensão social lhe era diferente.” (CANETTI, p..182)

No Brasil, os regimes totalitários repetem as convenções de comunicação usadas em outros países, o que comprova a opção dos governos ditatoriais pelos grandes empreendimentos como sistemas de signos, cuja mediação transforma em efeitos do poder os indivíduos da massa. O governo de Getúlio Vargas cria, em 1930, o Ministério do

Trabalho e legaliza os sindicatos em 1931; em 1940, a Companhia Siderúrgica Nacional; em 1942, a Vale do Rio Doce e, ainda nesse ano, negocia com os Estados Unidos a fundação da Petrobrás em troca de apoio às Forças Aliadas, na Segunda Guerra Mundial; entre 1939 e 1941, inicia a abertura da Avenida Presidente Vargas, cuja construção contou com a demolição de monumentos históricos⁶; etc.⁷.

A grande estratégia de comunicação com as massas, não foi somente a criação do Ministério do Trabalho, mas o fato de, em 1943, tê-lo associado à promulgação da CLT (Consolidação das Leis do Trabalhista)⁸, que representou o sistema de signos absolutamente convencional que atendia à expectativa da massa de trabalhadores. Por isso, Getúlio ficou conhecido como *O Pai dos Pobres* e todos o idolatravam. Os grandes empreendimentos suscitaram adesão, aprovação, legitimação em decorrência desse fato.

Outros exemplos podem ser colhidos da linguagem do empreendimento, que se expressou durante a vigência da Ditadura Militar no Brasil, no período da Guerra Fria, quando o regime preocupava-se com a construção da Usina Nuclear Angra dos Reis (Angra 1) e de Hidrelétricas, como Itaipu, rodovias etc. Já se colocavam questões semelhantes a que foi feita por Speer, citada por Canetti. Por que os governos não se preocupam em construir estradas vicinais para escoamento da produção agrícola, ou perfurar poços artesianos para reduzir o problema da seca no Nordeste ou investir em geração de empregos para que a massa de imigrantes não seja obrigada a se deslocar para a região sudeste em busca de empregos?

Certamente, essas ações seriam pequenas (sem grandiosidade), e isoladas em espaços pouco significativos, para que o poder tivesse (permanência) e conseguisse cooptar a massa numerosa ao seu redor. Essas pequenas mediações não teriam o mesmo efeito de grandes empreendimentos no centro do populoso espaço urbano, ou a repercussão midiática dos grandes empreendimentos. Essas obras formam saber e produzem discurso, impressionando o indivíduo (primeiridade), motivo por que ele é um dos primeiros efeitos do poder.

A Rede Produtiva

⁶ A Igreja de São Pedro dos Clérigos, cuja construção datava de 1733, foi demolida em 1944.

⁷ Consulta feita em <http://www.suapesquisa.com/vargas/> em 27/08/2007

⁸ Vargas fez como fizera na Itália, Benito Mussolini, que, em 1927 com a criação da Carta Del Lavoro..

Os sistemas de signos, as linguagens, são o grande móbil do poder totalitário em busca de legitimação ou de consentimento popular para as ações governamentais e de inibição a possíveis reações de oposição. Logo, os empreendimentos realizados e/ou monumentos são linguagens do poder, visto que suscitam sentidos, a partir dos processos de significação que lhes acrescentam significados, devido à sua permanência.⁹ Eles produzem sentidos, primeiramente ideológicos como expansão e fixação do poder instituído e depois adquirem o sentido da identidade nacional, do reconhecimento de quem o produziu, ignorando-lhe as ações negativas. A Avenida Presidente Vargas não revela, por exemplo, a perseguição aos comunistas ocorrida durante Vargas e nem os empreendimentos da Ditadura Militar revelam a perseguição aos integrantes do movimento de esquerda do Brasil. Logo, os empreendimentos do Estado totalitário materializam-se, são coisas, induzem ao prazer pela sua grandiosidade, formam saber, geram discurso e disseminam-se. Foucault assim se expressa: “O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que funciona em cadeia. (...) O poder funciona e se exerce em rede.” (FOUCAULT, op.cit, p.183)

O exercício do poder perpassa todo o corpo social. Isso o poder faz por meio dos sistemas de signos que atingem os indivíduos, que se tornam seus primeiros efeitos. Por esse motivo, não se concorda com Foucault quando declara: “Creio que aquilo que se deve ter como referência não é o grande modelo da língua e dos signos, mas sim da guerra e da batalha. A historicidade que nos domina e nos determina é belicosa e não lingüística. Relação de poder, não relação de sentido.”(Ibid., p.5)

Diferentemente do que afirma Foucault, a grande referência para se compreender a História é o sistema de signos, visto que o homem, além de outras denominações, é *homo signans*, que a tudo dá sentido, mesmo que seja para justificar sua ação belicosa ou para impor sua ideologia. É nesse universo sígnico que ele se impõe por meio de linguagens: objetos ou empreendimentos portadores de sentidos, que se somam e se modificam. Os empreendimentos transformam-se em símbolos de poder e permanecem, adquirindo outros

⁹ Refere-se aqui a concepção de sentido apresentada por Umberto Eco em *A Estrutura Ausente*, assim como por Roland Barthes, que conceitua a significação como processo no livro: *Elementos de Semiologia*.

significados, como os símbolos na concepção de Barthes. Esses signos, sob o ponto de vista dualista, possuem um significado implícito (primeiro, oculto), ao qual se acrescenta um outro explícito, que se generaliza. Como rede produtiva, os signos do poder condicionam-se em determinados períodos e generalizam-se, modificando, porém, seu sentido em outros períodos, nos quais a massa se relaciona com o poder por meio das linguagens que ele lhe impôs, para discipliná-la pelo discurso. Mas, tempos depois, os empreendimentos grandiosos que ocultam também a submissão e o controle, passam a ter um outro significado: o culto e a reverência ao Totalitarismo.

Os Grandes Empreendimentos e o Meio Ambiente

Os empreendimentos carregam duas características da sociedade humana, que constituem expressões dos pilares de humanidade: a linguagem e o fabrico. Mas, quando se expressam de forma impositiva e grandiosa, desconsideram a complexidade do ser humano, uma vez que ignoram que o homem é um ser complexo, “dotado de autonomia, mobilidade de ações, especificidades de interações com os outros indivíduos, isto é, o comportamento não é estritamente determinado e tem aspectos aleatórios. A sociedade funda-se, de facto, na individualidade”(MORIN,1998, p.99).Logo, a imposição dos grandes empreendimentos não atende às individualidades contidas nos grupos sociais: comunidades ou sociedades.

Morin, quando se refere à individualidade, considera-a como sistema de elementos diferenciados que atendem à interação entre os indivíduos para a formação da sociedade humana em sua complexidade, jamais centraliza a individualidade nas mãos do poder e seus seguidores. Nesse sentido, declara que “Sociedade é um sistema combinatório proveniente da multiconexão entre os cérebros dos indivíduos que a constituem. Ela é um supersistema nervoso coletivo” (Ibidem). Mas, observa que a complexidade humana se expressa por meio de: “aquisições de conhecimento sobre a natureza, técnicas do corpo e fabrico de artefatos, armas, utensílios, abrigos”(Ibid.,p.105), que se proliferam.

Embora complexa, a sociedade ainda necessita para sua sobrevivência de convenções, que são também provenientes da natureza e não apenas da sociedade humana: “repartição

de alimento, das mulheres, regras de troca, exogamia, interditos (...)” e outras que “precisam ser mantidas pela prática social e que devem ser inculcadas nas gerações novas. Constitui-se uma verdadeira esfera cultural indispensável à manutenção da complexidade social.”(ibid., p. 106).

Nesse sentido, é relevante que se pense nos grandes empreendimentos, como convenções do poder que não se prestam ao reconhecimento das individualidades que formam o todo social, mas acabam por inibi-las, no sentido de que são impostos e, assim, não propiciam a visão da sociedade como um sistema complexo. Ainda se faz necessário, evidenciar que os grandes empreendimentos, que desconsideram as relações com o ambiente natural e/ou social, porque giram em torno do poder narcísico, que se caracteriza também pelo fabrico de utensílios inadequados à vida humana (como o uso de armas químicas e outras), pela falta de priorização do investimento na partilha dos alimentos etc. Essas atitudes são relegadas em função da permanência e da duração do poder, por meio de suas linguagens convencionais tratadas, para que se produzisse impacto na massa que os admira e exalta.

Do mesmo modo, assim como os grandes empreendimentos causaram admiração (ou impacto) durante Hitler, Vargas ou na Ditadura Militar, ainda hoje dividem a sociedade que precisa de regras¹⁰, não das que a controlem e submetam, mas daquelas que direcionem a busca do equilíbrio social, mental, ambiental e admitam a desordem, a discordância, como um caminho para uma nova ordem social e não apenas como uma necessidade de repressão para que se sustente o *status quo* e reafirme o poder por meio de expressões que lhe dêem permanência, apesar dos desajustes ecológicos, que causam.

Bibliografia:

ARENDDT, Hannah. (1989) *Origens do Totalitarismo: Anti-Semitismo, Imperialismo, Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

BARTHES, Roland, (1979) *Elementos de Semiologia*. São Paulo: Cultrix.

_____, (2001) *A Aventura Semiológica*. São Paulo: Martins Fontes.

¹⁰ Vide o caso do Rio São Francisco, ameaçado por uma grande empreendimento como também o problema das terras indígenas.

- BURDEAU, Georges, (2005) *O Estado*. São Paulo: Martins Fontes.
- CANETTI, Elias, (1990) *A Consciência das Palavras (ensaios)*. S.Paulo: Cia das Letras.
- _____ (1986). *Massa e Poder*. Brasília: Editora Universidade de Brasília/
Melhoramentos.
- ECO, Umberto, (2000) *Tratado Geral de Semiótica*. São Paulo: Perspectiva.
- _____, (1971) *A Estrutura Ausente: Introdução à Pesquisa Semiológica*. S.Paulo:
Perspectiva/Edusp.
- EPSTEIN, Isaac, (1991). *O Signo*. São Paulo: Editora Ática.
- FOUCAULT, Michel, (1996). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- LEBRUN, Gerard, (1999) *O Que É Poder*. S.Paulo: Brasiliense.
- MORIN, Edgar. (1998) *Sociologia (A Sociologia do Microsocial ao Macroplanetário)* Portugal:
Publicações Europa-América.
- PEIRCE, C.S. (1995) *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva.
- SANTAELLA, Lúcia, (2002). *Semiótica Aplicada*. S. Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- _____, (2000) *Teoria Geral dos Signos: como as linguagens significam as coisas*.
S.Paulo: Pioneira.
- SKIDMORE, Thomas, (1996). *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____. (1988) *Brasil: de Castelo a Tancredo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra,
- SPENGLER, Oswald, (1993). *O Homem e a Técnica*. Lisboa: Guimarães Editores.

